

Poemas de Carlos Vogt

O poeta Carlos Vogt nasceu em Sales Oliveira, interior de São Paulo, “pequena e nada próspera cidade da velha Mogiana”, segundo ele próprio diz. Linguísta de formação internacional, acordou para a poesia depois dos 20 anos e só veio a publicar por volta dos 40. Publicou até agora: *Cantografia* (1982), *Paisagem doméstica* (1983) e *Geração* (1985). Os poemas que se seguem são parte de uma nova coletânea intitulada *Metalurgia*, ainda inédita.

Segundo José Paulo Paes, a poesia de Carlos Vogt expressa “uma dor sem pieguice”, e o linguísta, como artesão do verso, “abre mão de todos os binarismos e termos médios para ser (apenas?) poeta”. Desde abril de 1990, Vogt divide o seu tempo entre a leveza da poesia e a pesada responsabilidade de ser o reitor da Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp.

SOFISMA

O tempo nos perderá a todos!
Não que isto seja uma verdade comum
a todas as idades,
mas que nos perderemos no tempo
isso é verdade.

DESEJO

Arde uma estrela cadente,
a solidão simultânea
incendeia o instantâneo.

PÓS

Os símbolos erram perdidos
de seu próprio fundo;
Já não são o que não eram antes:
o mundo.

DEDICATÓRIA

Para quem depois de agora
virá poupar o ágio do tempo
e as juras de não ir embora.

LABIRINTO

Marcel Schwob, citado por Borges, inventou vidas
e escreveu biografias imaginárias de homens reais;
Borges, do outro lado do espelho, inventou caprichos
e reescreveu biografias reais de homens imaginários.

No sonho alheio de ser sonhado, enquanto sonha,
o escritor afina imagens no abismo de suas multiplicações;
o leitor — o outro que é forma do texto — guarda-se
em entrelinhas
aguarda outro leitor de carne, osso, ficção e história
que abra um dia, mesmo por acaso, o mesmo livro
e encontre na dura pena de tê-lo escrito
a pálida, edificante e triste luz de que é feita a persistente beleza da memória.

Nada, então, terá mais o tamanho de sua própria altura,
nada medirá em si ou pelo outro a extensão de sua diferença:
espadas, tigres, reis, vassallos e campeadores,
virão dilacerar a densidade conceitual do único,
e a novidade — monástica do hábito de ser estranha e tensa —
fingirá combates cinematográficos de guerras púnicas.

Juntos escreveremos roteiros errantes por aridez de Espanhas
e a vida repetirá a arte, só pelo prazer da ilusão
de ser parte
da boa vontade de deuses nus, entremostrados em longas vestes leves,
discretos no tédio alado de inventar nas tardes cépias
jogos eletrônicos banais e atrevidos de criação.

AUTOCRÍTICA

Para quem depois de agora
me poude o dia do tempo
e se fosse de não se esquecer

OLHEO

Para uma escrita cabal
ganhar a vitória a
incógnita e inatável

SABEDORIA INFANTIL

Para falar a verdade,
esta cheia de meandros, meios, caminhos, pântanos, voltas e volteios,
a verdade, enfim, que conhecemos clara
como se vista através de um biombo disfarçando intimidades,

Para falar a verdade
nua, crua, alheia transparente e limpa
nada mais próprio que um sonho de menina.

BICHOS DA NOITE

Um dia — era noite — eu disse para duas moças velhas
sentadas num alpendre de jardim:

— Cuidado com os curiangos!

Elas em uníssono responderam:

— Não sabemos o que é curiangos,
mas não fale conosco assim.

METALURGIA

Ponho a palavra em estado de gramatical ofensa,
no torno retalho suas redondezas,
desgasto obsessivo com a broca da caneta
o que há de angular e mole na sentença.
Fora, uma forma enxuta, dentro, amor de sequidões,
ovo sozinho sem nenhum conceito a circundar-lhe a norma
de ser só ovo, sêmen contido, casca de memória.

Fazer abrasivo:

a lima, a lixa, a mão desgastam por extornos
a rixa com o verso, a rima com o avesso;
no chão, limalhas, matéria de contornos,
na página, o poema:
liso, úmido, duro como gelo.